

ENSINAR A PENSAR AINDA É O MELHOR NEGÓCIO: A LIÇÃO DAS AZALÉIAS

Maria Aparecida Fleury Costa Spanger*

RESUMO

O artigo aborda, como pano de fundo, a questão dos paradigmas da educação e apresenta os resultados de pesquisa realizada com um grupo de alunos de graduação, envolvendo a disciplina de Metodologia Científica. Volta-se para questões práticas que permeiam o cotidiano de professores comprometidos com a inovação no ensino. A pesquisa teve por objetivo despertar o espanto e a curiosidade dos discentes, visando a motivação para a iniciação científica. A diversidade e riqueza das experiências relatadas demonstram uma reação positiva e construtiva dos alunos, quando confrontados com uma prática pedagógica não convencional. Ensinar a pensar ainda é o maior desafio da escola na atualidade, em todos os níveis. Ultrapassar a tradicional reprodução do conhecimento e promover um processo de construção consciente e participativa, que colabore para a formação do homem integral, são proposições tanto necessárias quanto possíveis, conforme se conclui neste artigo.

Palavras-chave: inovação, paradigmas da educação, iniciação científica, criatividade.

Biografia

*Mestre em Tecnologia e Trabalho, Professora das Faculdades Integradas do Brasil – Unibrasil, cidaspanger@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

A formação de uma sociedade solidária, voltada para a paz e a justiça, em busca do bem comum, passa necessariamente pelos caminhos da educação do seu povo, sendo de fundamental importância promover uma reflexão sobre os modelos de educação praticados, tendo em vista as tendências do pensamento pedagógico universal. Este artigo, sem pretender esgotar o assunto, aborda como pano de fundo, a questão dos paradigmas da educação e apresenta os resultados de uma pesquisa realizada com alunos do terceiro grau. Volta-se para questões práticas, que permeiam o cotidiano dos professores comprometidos com a inovação no ensino. Filia-se ao paradigma emergente da educação que postula uma educação inovadora, com visão sistêmica, numa abordagem progressista, que busca integrar a pesquisa ao ensino, utilizando-se de práticas e instrumentos inovadores, visando a ultrapassar a mera reprodução do conhecimento e alcançar a sua produção, de forma significativa, desafiadora e criativa. (BEHRENS, 1999).

A busca por uma educação libertadora e instigante, que possibilite as atividades de reflexão, conscientização e ações democráticas e justas para a totalidade da sociedade, requer atitudes de empatia, respeito, amizade, simplicidade, objetividade, afetividade, flexibilidade e sensibilidade por parte dos educadores. É o que demarca, de modo consensual, a opinião de educadores contemporâneos, alguns dos quais serão referenciados na discussão dos resultados da pesquisa. O “que” ensinar é tão importante quanto o “como”, o “quando” e o “por que” ensinar. Estamos, via de regra, apenas reproduzindo informações, repassando “nosso” conhecimento, relegando o aluno à posição de ator coadjuvante ou de mero expectador da educação, numa posição subalterna, de passividade, ou estamos despertando o espírito do aluno, para que ele assuma o papel de ator principal do seu processo de educação, participando ativamente do mesmo e se autodesenvolvendo? A partir do relato de práticas docentes de colegas de profissão, em faculdades particulares e públicas, percebe-se que existem alguns professores inovadores, adeptos do paradigma emergente em educação que estão conseguindo resultados surpreendentes. Chamlian retrata, em seu artigo, os resultados de uma pesquisa realizada com professores inovadores na USP que relatam suas experiências, e apontam a revalorização da atividade docente, como um dos resultados mais significativos de suas práticas inovadoras. (2003). No entanto, um número considerável de professores ainda adota o modelo tradicional concentrador, da educação de cima para baixo. Do tipo bancária, como afirmava Paulo Freire, empacotada, onde o professor deposita na cabeça do aluno a informação pronta, acabada, às vezes sem qualquer abertura para questionamentos

ou intervenções/contribuições. Uma educação livresca, repetitiva. (FREIRE, 2000). Não é de se espantar, que testemunha-se uma época em que a grande maioria dos jovens parece alienada, sem questionamentos profundos, nem sobre a temática que estão estudando, nem sobre questões políticas ou sociais importantes de seu tempo. Percebe-se um processo de coisificação do conhecimento, onde a educação tem sido transformada em mercadoria. Privilegiam-se as matérias técnicas que oferecem soluções pragmáticas, em detrimento das humanidades, que levariam o sujeito a uma reflexão profunda e a um maior questionamento de seu papel na sociedade. Há, na sociedade de mercado, uma prevalência da ideologia do “homo economicus”¹, voltado exclusivamente para interesses materiais, em detrimento da visão do homem integral, humanista, dotado de ética e comprometimento social. (HEILBRONER, 1996).

Na visão do economista Charles Handy (1999), os valores de mercado devem ser modificados, visando a favorecer a qualidade de vida das pessoas. Em seu livro “Além do Capitalismo”, o autor critica a educação voltada apenas para a transmissão de conteúdos, incapaz de promover por si só o desenvolvimento das inteligências múltiplas dos alunos, e ensinar o aluno a lidar com suas emoções. Na sua concepção, a educação deveria se voltar para o desenvolvimento da autopercepção, autocontrole, empatia, para a arte de escutar, resolver conflitos e cooperar. E, além disso, ainda ser capaz de envolver os alunos de tal forma, que o aprender seja um processo prazeroso.

A educação tradicional, livresca, tem levado ao desencanto, tanto de alunos quanto de professores. Concordo com Cury (2003), que professores do mundo todo, estão adoecendo e diria mais, dedicando-se a outras atividades e relegando o ato de educar/ensinar, a segundo ou terceiro plano. É muito comum se ouvir dos colegas: vou dar umas aulinhas para complementar o salário, sem qualquer motivação real para o ato de educar.

Envolver-se em um processo de educação inovadora é algo que pode resgatar a auto-estima dos professores e criar um ambiente adequado para o autodesenvolvimento dos alunos.² (CURY, 2003).

Observa-se a ocorrência de um círculo vicioso na educação: o professor

1 Homo economicus, conceito desenvolvido pelos economistas clássicos (Adam Smith, David Ricardo, John Stuart Mill). Refere-se ao indivíduo que pauta suas ações exclusivamente para a busca de ganhos materiais, canalizando seus esforços para uma busca constante de interesses econômicos.

2 Para mais informações sugiro a leitura do livro de Augusto Cury, psicanalista e escritor, autor do modelo “escola da vida”, citado na sua obra “Pais brilhantes, professores fascinantes”, da editora sextante, 2003, p.119-153.

reclama do desinteresse do aluno e o aluno reclama do desinteresse do professor. Como sair desta armadilha?

Como vivenciar o paradigma emergente da educação, promovendo um ambiente aberto, criativo, onde a subjetividade do aluno possa aflorar?

1 A MOTIVAÇÃO DA PESQUISA

A pesquisa relatada neste artigo delineou-se no início do semestre letivo, nos primeiros encontros com os alunos da disciplina de Metodologia Científica de uma instituição de ensino superior de Curitiba.

Uma primeira aproximação com os alunos revelou que a maioria deles não conhecia as especificidades da cidade onde vivem. Relataram que não tinham tempo para admirar certos aspectos da cidade e que viviam ocupados demais em trabalhar e em estudar, indo e vindo de lugares, mas sem perceber o entorno, sem desvelar a cidade, em seus aspectos mais característicos. Envolvidos em fazer as coisas necessárias para garantir sua sobrevivência, eles relataram possuir um estilo de vida pouco contemplativo, com a subutilização da capacidade de observação, capacidade esta inerente ao ser humano. Percebe-se, nestes relatos, a grande influência exercida pela ideologia liberal de mercado, que regendo a vida econômica da sociedade contemporânea, revela os parâmetros de uma sociedade extremamente apegada aos valores materiais e individualistas, onde prevalece a busca incessante do ter em detrimento do ser, fenômeno que se alastra para todos os aspectos da vida social, incluindo a educação. Neste sentido, mais importante que aprender é obter o diploma, para muitos. Até a educação tem se transformado em mercadoria, na sociedade de mercado. Os olhos estão viciados na busca dos bens materiais e do prazer momentâneo e descartável, o que de certo modo, impede uma visão mais abrangente da vida, onde a contemplação do belo pode ser vista como perda de tempo.

A partir destas reflexões, surgiu o questionamento: como solicitar o engajamento dos alunos para a atividade científica, para a pesquisa, observação, análise e interpretação de dados/informações sobre determinado tema, visando à construção do conhecimento, sem que haja, por parte dos alunos, um espírito de curiosidade, de espanto diante do desconhecido, do novo, ou seja, diante do objeto a ser pesquisado? Sem espanto não se desenvolve o pensamento, já afirmavam os gregos, (ALVES, 2003, p.25).

Como solicitar a leitura de textos, se o aluno nem sequer lê sua própria cidade, o mundo em que vive? Lembrando Freire, citado em Andrade: a leitura do

mundo precede sempre a leitura da palavra. (ANDRADE, 2001).

As pessoas vivem na cidade, mas não a conhecem. Não porque ela não se deixe conhecer, mas por displicência, desinteresse, falta de hábito, alienação inconsciente mesmo. A cidade está sempre aí, disponível, parece tão familiar que não causa mais espanto e admiração.

2 O DESABROCHAR DA SENSIBILIDADE CIENTÍFICA

Era o mês de agosto de 2004. Buscando uma forma criativa para despertar o espírito dos alunos para a curiosidade, o espanto, elementos essenciais para a pesquisa científica, deparei-me com a profusão das azaléias em flor. Isso sim era um espetáculo digno de ser observado e apreciado por eles, imaginei. A idéia foi apresentada aos alunos e os resultados foram aguardados.

O que uma azaléia pode de fato nos ensinar? Será que podemos compreender melhor o mundo que nos cerca, as relações entre as pessoas no seu cotidiano, simplesmente observando as azaléias? O que aprendemos ao observar estas flores? Podem as empresas aprender com as azaléias? E as escolas, os alunos e os professores? Por acaso elas têm algo de instigante ou fascinante que mereça uma pesquisa? O que há escondido nestas flores que precisamos saber? Quando e onde podemos encontrá-las em nossa cidade? Em que bairros, ruas, praças? De que cores, tamanhos, de que formas?

Estas questões me vieram à mente ao observar a farta floração das azaléias em Curitiba, neste ano. Mas por que esta experiência e por que as azaléias?

Se Piaget compreendeu melhor o comportamento humano de tanto pesquisar sobre os moluscos nos lagos da Suíça, conforme relato de Rubem Alves, o que poderia acontecer com os alunos ao observar as azaléias? (ALVES, 2003). Que conclusões eles poderiam tirar desta experiência? Era necessário arriscar e ousar, acreditar nos alunos e aguardar os resultados.

Podem, as coisas simples e corriqueiras que nos envolvem, como a floração das azaléias, sem aumentar nossa riqueza material, acrescentar um sentido, um colorido especial em nossas vidas, e aguçar nossa percepção para detalhes importantes que estão ao nosso redor, pedindo para ser admirados e interpretados?

3 A PESQUISA

A partir dos questionamentos referidos anteriormente, foi solicitada então,

em meados de agosto de 2004, a “leitura” da cidade de Curitiba, especialmente no que se referia à floração das azaléias. Foi pedido aos alunos para observar a floração destas flores, no prazo de uma semana. Esta observação das azaléias, sendo considerada como uma mirada atenta sobre o fenômeno, no seu todo ou em algumas de suas partes, ou seja, a captação precisa do objeto examinado, conforme Richardson. (1999). Os alunos deveriam fazer as mesmas coisas que já faziam, apenas com um novo olhar, mais atento, a um determinado aspecto da cidade – a floração de azaléias. Utilizando o método de procedimento observacional assistemático, de forma individual, eles deveriam observar, sentir, admirar, contemplar a floração, e só depois realizar uma pesquisa bibliográfica sobre esta flor. Sua origem, formas, cores, cuidados, entre outros aspectos. O objetivo era levar o aluno a perceber a cidade, exercitar o espanto, encantar-se com o objeto da pesquisa, enfim, motivar-se para a pesquisa, encontrando um real significado para empreendê-la. Participar de uma experiência sensorial de fato, para só depois buscar informações, a respeito desta flor, caracterizando-a, classificando-a, conceituando-a, como preconizava já no século XVII, João Amos Comenius. O grande educador tcheco, considerado o pai da didática moderna, afirmava que a escola devia ensinar o conhecimento das coisas e não a sombra das coisas (palavras, conceitos). Defensor de uma teoria humanista e espiritualista na formação do homem, Comenius propagava a idéia da construção do conhecimento pela experiência, observação e ação. Já naquela época ressaltava a importância da interdisciplinaridade e afetividade do educador, além da necessidade do desenvolvimento do raciocínio lógico e do espírito científico. (GADOTTI, 1999).

O que seria despertado nos alunos numa experiência com azaléias? A princípio, houve um certo espanto, já com o objeto da pesquisa. Mas como? Passear pela cidade para observar as azaléias? Qual a validade desta pesquisa em metodologia científica? Questionamentos foram feitos. Será que esta pesquisa era coisa para homem? Preconceitos à parte, todos realizaram a tarefa solicitada, para o espanto e contentamento da professora.

Depois de uma semana houve a entrega da pesquisa escrita e o relato da experiência, bem como do aprendizado. Todos se manifestaram verbalmente e compartilharam suas impressões, sentimentos e descobertas na realização da pesquisa. Como os alunos residem e trabalham em bairros diferentes da cidade foi possível detectar a localização da maioria dos jardins públicos e também particulares da cidade, onde havia uma floração de azaléias naquela época do ano. Um verdadeiro “mapa verbal” da localização das azaléias pela cidade, foi um dos resultados obtidos.

Outro aspecto interessante é que os alunos se divertiram com a experiência, o que ficou claro no decorrer das apresentações. Além de atingir o objetivo esperado, a experiência ainda despertou-lhes a sensibilidade e levou-os a uma atitude reflexiva em relação aos desafios a que são submetidos no dia a dia. Posteriormente, foi solicitado a construção de um texto, relatando a experiência, as sensações, relações que se poderiam construir a partir da observação das azaléias.

A quantidade de relações, conexões espontâneas que se seguiram, demonstra o aspecto mais surpreendente desta pesquisa. Os alunos foram percebendo, por si mesmos, a importância da observação da natureza, e construíram analogias interessantes, fruto das associações que realizaram, entre as azaléias e diversos aspectos de sua vida cotidiana.

Os textos denotam que a experiência realizada ativou a criatividade dos alunos, que conseguiram construir analogias e descobrir conexões, por um caminho inusitado, contrariando, desta forma, a opinião de muitos educadores de que a criatividade é privilégio de poucos. Na opinião da neurocientista Suzana Herculano, citada em Artoni, a criatividade é centrada na imaginação e a base da imaginação é a experiência, ou seja, o repertório de experiências e conhecimentos pode alterar o comportamento das pessoas, tornando-as mais ou menos criativas. (ARTONI, 2004).

Para Artoni, na criatividade há uma riqueza associativa, uma recombinação de idéias que exige mais do que boa memória. Também exige ligar conceitos comuns por caminhos incomuns. Estabelecer analogias também faz parte do processo criativo, ressalta Artoni. Para ela a analogia se refere à semelhança funcional entre coisas que, de outro modo, seriam desiguais. “As analogias são a base de muitas outras idéias e não é de se surpreender que sejam um dos instrumentos imaginativos mais usados, da religião à política”. (ARTONI, 2003).

Os resultados obtidos pelos alunos excederam a expectativa da pesquisa, e são apresentados neste artigo como uma contribuição despreziosa sobre a compreensão do mundo da vida e do trabalho, na visão dos alunos/pesquisadores, a partir de uma prática pedagógica diferenciada.

Os relatos dos alunos foram analisados, classificados em categorias, e apresentadas a seguir, e serviram de base para uma discussão acerca de alguns temas transversais que surgiram, e que permeiam o contexto da educação, de modo geral.

Ressalta-se que esta discussão não partiu dos alunos, mas é apresentada neste artigo como uma contribuição/ sugestão sobre temas transversais, que podem ser retomados em ocasião oportuna, servindo de base para a prática da interdisciplinaridade, ou mesmo de inspiração para futuras pesquisas.

3.1 A CONDIÇÃO HUMANA NA MODERNIDADE

Uma das alunas chamou a atenção pela sua atitude de revolta consigo mesma. Ela dizia: *“como é que pode eu com tantos anos morando nesta cidade e nunca conheci estas flores tão lindas e que estão por tantos lugares? Como isso é possível?”*

Em seu texto ela fez uma comparação entre o ciclo de vida da azaléia e o ciclo de vida dos seres humanos.

Assim como as flores nascemos, crescemos e morremos. E nesta trajetória de vida muitos de nós nem somos percebidos pelos outros, assim como as azaléias que estão espalhadas pela cidade, em locais onde passamos todos os dias e nós não as percebemos. É uma flor que alegra o nosso inverno e nós não a conhecíamos.

A partir desta colocação pode-se levantar uma discussão a respeito do estilo de vida predominante na sociedade capitalista, onde o ter é mais valorizado do que o ser, e o tempo tem que ser utilizado preferencialmente para ganhar dinheiro. Onde a percepção dos valores intrínsecos dos seres humanos, sua beleza interior muitas vezes não é percebida nem valorizada na sociedade de consumo em que vivemos. O espanto da aluna, nesta declaração, não reside apenas no fato do seu desconhecimento das azaléias, em si, mas do reconhecimento, em si mesma, da sua absorção dos valores da sociedade de “mercado”. Foi bastante interessante a reação desta aluna e creio que a experiência serviu para lhe abrir os olhos para as sutilezas da vida, para a beleza escondida nas pequenas coisas, e nas pessoas ao seu redor. Um olhar sobre os valores que estamos cultivando e os que estamos desprezando.

De outra aluna saiu o seguinte comentário:

Como comprovamos ao apresentar a pesquisa, a grande maioria nunca se deu conta da presença da azaléia. E se pararmos para observar melhor as pessoas, ao nosso redor, descobrimos que algumas delas podem melhorar nossa vida, trazendo-nos outro colorido.

Ainda na mesma linha:

Convivemos todos os dias 1/3 do nosso tempo com tantas pessoas e às vezes nem nos damos ao trabalho de observar e nem de conhecer, de saber o que pensam. Nem paramos um pouco para cumprimentar nossos colegas de trabalho. Determinadas situações que acontecem ao nosso redor que nem ao menos tomamos conhecimento. Isso é comum nos nossos dias. Estamos tão ocupados com nós mesmos que esquecemos de nos espantar com uma flor que desabrocha à nossa frente.

De um rapaz veio este comentário:

Meu maior espanto foi saber que vivo há 10 anos nesta casa onde existe a azaléia e eu nunca a havia notado antes da pesquisa. Todos os dias eu passava em frente às flores, mas nunca tive a curiosidade em parar para admirá-las. As pessoas têm pouco o hábito de prestar atenção às coisas mais simples da vida. Penso que fazer isto uma vez ou outra iria mudar qualquer opinião que se tenha formado sobre qualquer assunto.

Aqui se pode perceber a alienação e segregação social às quais estamos acometidos no dia a dia. Também revela a descoberta da existência do outro na sociedade, como um ser de valores. A busca da socialização, a valorização do ser humano, capaz de transmitir valores, beleza para seu semelhante. A necessidade do outro, como complemento valioso da existência humana. Ressalta a importância do autoconhecimento, como elemento essencial para a valorização de uma vida comunitária e solidária nos espaços de convivência coletiva, como vital para a promoção da melhoria da qualidade de vida do sujeito, mesmo no sistema capitalista.

Analisando questões relacionadas ao trabalho, comunicação e subjetividade em Marx e Habermas, Werner Market (1996), afirma algo semelhante. “A formação do homem integral precisa do progresso do capitalismo, mas o capitalismo só pode ser superado pela associação de homens autoconscientes”. E continua, colocando uma pergunta: “como será possível imaginar a superação da alienação total dentro dos mecanismos da “indústria cultural” ou do homem coisificado na sua consciência como mercadoria, sem que os indivíduos superem estas alienações nos seus “egos”? Para Market, trabalho e comunicação são, igualmente, os pressupostos para a sobrevivência e a emancipação da humanidade.

3.2 CONTRASTE DE VALORES NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA - O BINÔMIO FRAGILIDADE X FORÇA

Para uma aluna,

A azaléia é uma flor cuja aparência sensível não demonstra a sua resistência às intempéries do frio de Curitiba, algo comparável com algumas pessoas, que demonstrando externamente, certa fragilidade, possuem, no entanto, uma força interior capaz de resistir às durezas da vida.

Este depoimento pode resgatar o debate a respeito da questão do julgamento, ou melhor dizendo, do falso julgamento que se comete muitas vezes nas famílias e nas empresas, quando a aparência conta mais que a essência, e grandes injustiças são praticadas com algumas pessoas que não se coadunam ao modelo estabelecido. Presencia-se atualmente o culto à força física e à beleza, à juventude e outros

aspectos exteriores, em detrimento de valores como ética, dignidade, fidelidade, misericórdia, tolerância, amizade entre outros. A aparência física, por exemplo, está se tornando um ícone na sociedade moderna, e as pessoas que não se enquadram em um determinado padrão são praticamente excluídas da vida econômica e social. Um tipo de assepsia social, a massificação do sujeito, numa rejeição da diversidade. Não há empatia com alguém diferente de nós mesmos. Diferente externa e internamente. Há uma tendência perigosa em se uniformizar esteticamente e eticamente as pessoas, numa atitude intolerante, xenófoba. A indústria da moda, o marketing, o fast-food, a indústria da beleza, fazem parte da engrenagem que envolve o ser humano num estilo de vida que tenta afunilar as diferenças, instituindo o jeito global de ser, desrespeitando as sensibilidades individuais, as preferências regionais, a diversidade cultural. Há força e beleza numa pétala de azaléia, assim como no outro, beleza que reside principalmente na diversidade.

Isto nos leva também à reflexão sobre grandes problemas que afligem atualmente a humanidade, como a fome, o desemprego, a solidão, a destruição do meio ambiente. O que nos fará avançar em termos de solução destes problemas globais não será certamente resultado de um só pensamento, mas de uma discussão constante entre indivíduos das mais diversas áreas das ciências, do governo e da sociedade civil, com suas especificidades e riquezas individuais, numa atitude de respeito aos valores e direitos de todos os povos, indistintamente, sejam eles “frágeis”, ou “fortes”. Um dos grandes desafios do nosso tempo é saber respeitar a diversidade e conviver pacífica e justamente no mundo globalizado, com pessoas e povos sensíveis e fortes.

A sensibilidade, considerada em muitas situações como fraqueza na sociedade moderna, pode se constituir em uma força incrivelmente bela, capaz de contribuir para equilibrar o jogo de poder existente na sociedade, constituída basicamente pelos e para os mais fortes. Neste sentido afirma Milton Santos, que a modificação do modelo globalizante de sociedade não poderá se dar pelos países ditos fortes, mas pelos considerados mais fracos, pela sua sensibilidade e flexibilidade em relação a mudanças, bem como pela sua própria incapacidade para consumir o ocidente globalizado em suas formas puras (financeira, econômica e cultural). Para Santos, as mudanças a serem introduzidas, a fim de alcançarmos uma outra globalização, não virão do centro do sistema, como em outras fases de ruptura na marcha do capitalismo. As mudanças sairão dos países subdesenvolvidos, e segundo o autor, os grandes protagonistas do futuro serão justamente os povos considerados hoje mais fracos. (SANTOS, 2000).

3.3 A SEGREGAÇÃO SOCIAL NAS ORGANIZAÇÕES

Ressaltando o depoimento de um aluno:

Meu espanto foi que todos os domingos vou com minha família à praça onde encontrei as flores e nunca reparei que elas estavam lá. Existem diretores e gerentes na instituição aonde trabalho, que ao chegar não falam bom dia, ou seja, não reparam que eu estou lá.

Neste depoimento há novamente a retomada da condição humana, onde se percebe a situação de isolamento em que a maioria das pessoas vive, mesmo estando perto de muitas outras. Denota também o distanciamento típico entre o pessoal “de baixo” e de “cima” nas empresas. Nas empresas que não promovem o diálogo entre todos os colaboradores, existe uma segmentação nas relações de trabalho, que constrange o funcionário e realça sua invisibilidade na empresa, gerando em muitos, a situação descrita por Marx como trabalho alienado e alienante nas fábricas, no início da revolução industrial na Europa. Aqui se revela a divisão de classes, que embora maquiada nas empresas ainda permanece, sutilmente, minando a motivação do trabalhador e contribuindo para o aumento de situações de conflito nas organizações. A invisibilidade do funcionário e a extrema visibilidade da chefia são opostos percebidos e rechaçados nas relações de trabalho, que em nada contribuem para o estabelecimento de um clima de cooperação e valorização do ser humano nas organizações, reproduzindo um modelo elitista nas relações de trabalho. Mesmo dissimulada, esta distância ainda é sentida em grande parte das empresas e retrata novamente o culto dos fortes e a supremacia do poder constituído, sem considerar o esforço coletivo na produção dos resultados finais.

3.4 A FLEXIBILIDADE COMO VALOR NAS ORGANIZAÇÕES

Uma aluna colocou:

As azaléias vieram de muito longe, e mesmo assim conseguiram se adaptar ao nosso local. Muitos empresários se dão muito bem longe de seu local de origem. Conseguem vencer várias barreiras, como o “clima” do local, e também a rejeição, assim como as azaléias.

Tomando como base esta declaração pode-se discutir o tema transversal da flexibilidade/adaptabilidade, características presentes em algumas pessoas, que usando de suas habilidades, conseguem superar obstáculos, preconceitos e dificuldades, em situações de mudanças, tanto de empresas quanto de lugares. Inclusive este está

sendo um requisito muito importante nas grandes empresas que possuem filiais espalhadas em vários países. As empresas esperam que seus colaboradores sejam capazes de conviver com a diversidade cultural quando transferidos. A flexibilidade, sem dúvida, é um valor inestimável no mundo globalizado, mas pode ser vista como fator de exploração, quando apropriada pela classe dominante, visando a atender exclusivamente seus interesses. Constitui-se em fator de melhoria da qualidade de vida do sujeito quando serve ao seu benefício particular.

3.5 A CONTEMPLAÇÃO DO BELO COMO VALOR SIGNIFICANTE A SER CULTIVADO

Uma aluna descobriu o prazer de contemplar o belo afirmando:

A pesquisa me espantou no sentido da observação, pois antes eu não observava os jardins da cidade, das casas, e agora o mesmo lugar passou a ter um novo significado para mim, uma nova forma. Cito como exemplo os ipês. Antes passava por eles sem notá-los e agora, depois da pesquisa sobre a azaléia, faço o mesmo com os ipês, pela simples observação, espanto e curiosidade.

Ressalta-se aqui que esta aluna veio do Rio de Janeiro só para estudar e realmente é gratificante saber que ela encontrou um motivo a mais para descobrir a cidade e perceber que sim há muitas belezas em Curitiba também.

As flores podem ser excelentes fontes de prazer e de alegria para os estrangeiros em qualquer lugar. Elas oferecem sua beleza, seu perfume e sua quietude, sem cobrar nada em troca. Afinal elas estão ali justamente para isso: alegrar as pessoas que as admiram. Mas é preciso olhar para elas, senão é como ganhar um presente e nunca abrir o pacote para conhecer seu conteúdo.

Os fenômenos da natureza são ricos em significado e fornecem lições preciosas para os observadores mais atentos. Além de colorir a vida eles servem também de estímulo para a formação de relações, analogias, necessários para o desenvolvimento do espírito criativo do indivíduo. Compartilhando desta premissa o físico austríaco Fritjof Capra, defensor do modelo holístico, ressalta em suas obras, a necessidade da observação dos fenômenos relacionados a toda a espécie de vida no planeta, (teia da vida) para a melhor compreensão das conexões ocultas entre eles. Em sua mais recente obra, Capra enfatiza a necessidade deste olhar amplo, sistêmico, para a formação do pensamento crítico, que viabilize a reflexão dos valores que sustentam a sociedade capitalista global e auxilie na sua reformulação, visando a

construção de uma sociedade ecologicamente sustentável, que busque solucionar os grandes problemas da sociedade contemporânea. (CAPRA, 2002).

Concordo com Capra, quando afirma que a forma atual do capitalismo global é insustentável do ponto de vista social e ecológico.

O mercado global nada mais é do que uma rede de máquinas programadas para atender a um único princípio fundamental: o de que o ganhar dinheiro deve ter precedência sobre os direitos humanos, a democracia, a proteção ambiental e qualquer outro valor. (CAPRA, 2002, p. 268).

Para o autor, o grande desafio do século XXI é da mudança do sistema de valores que está por trás da economia global, a fim de torná-lo compatível com as exigências da dignidade humana e da sustentabilidade ecológica.

E como fomentar estas mudanças senão por um processo inovador na educação, em todos os seus níveis? A abertura do espírito humano para compreender as conexões ocultas dos fenômenos que nos circundam, passa necessariamente por um despertar da consciência dos indivíduos, num processo contínuo de reflexão e tomada de posição, ante as solicitações e urgências da vida moderna. A visão sistêmica, ou holística defendida por Capra na educação, busca promover o envolvimento do aluno em todo o processo de ensino-aprendizagem, visando a superar a fragmentação, na tentativa de criar novos caminhos, que contemplem a emoção, a intuição, a responsabilidade, a alegria, o entusiasmo em poder produzir o conhecimento que beneficie a si mesmo e a comunidade.

3.6 POBREZA E SOBREVIVÊNCIA NUMA SOCIEDADE DESIGUAL

Um aluno construiu uma relação entre as azaléias e a condição de vida das pessoas mais pobres da sociedade. Abordou o problema das diferenças sociais, a luta pela sobrevivência das camadas de baixa renda. Escreveu:

As azaléias são plantas que se desenvolvem em climas severos e com pouca água e não recebem muitos cuidados, exatamente como a maioria das pessoas de classe sociais mais baixas. Elas têm que sobreviver em situações duras, com poucas condições e só recebem atenção em época de eleição, mas mesmo assim florescem e sorriem, em certas épocas.

Neste relato percebe-se a sensibilidade do aluno para a situação de desigualdade social, a condição dos pobres, desassistidos pelas políticas sociais, e excluídos da distribuição das riquezas produzidas. Denota também a percepção do aluno para a condição de resistência/resiliência destas pessoas que conseguem

continuar vivendo e sorrindo, apesar de sua condição. A desigualdade econômica e social é um tema bastante atual e importante a ser levantado e discutido com os alunos, a fim de impedir que eles formem uma visão unilateral do sistema econômico vigente, desvendando seu lado sombrio, para incitar inclusive, a busca por outros modos possíveis de se viver, mesmo dentro do sistema capitalista. Como afirma Santos (2000), os excluídos do consumo global unem suas forças e produzem uma história local, cheia de significados e de laços de solidariedade, que lhes permite a sobrevivência. Uma história de luta e criatividade, que se opõe ao estilo de vida totalizante, que o mundo rico ocidental preconiza. Realça a resistência do local ao global, para a construção de um outro mundo possível.

3.7 SIMPLICIDADE COMO VALOR – QUEBRANDO PARADIGMAS

Vários alunos relataram seu espanto com a simplicidade do objeto da pesquisa e passaram a valorizar, como Rubem Alves, aquelas coisas, que sem utilidade aparente nos dão alegria de viver. (ALVES, 2003).

Um aluno relatou:

A princípio é estranho pesquisar sobre algo tão simples. Entretanto, podemos verificar que isso serve de motivação para tentarmos descobrir soluções de problemas nas empresas, visando seu melhoramento. Como comparação, as flores e os seres humanos têm seus momentos de felicidade, intensidade e outros de recolhimento. Com exercícios no sentido de descobrir os detalhes das coisas que nos cercam, desenvolvemos a curiosidade e passamos a entender com mais clareza situações que a vida nos coloca todos os dias.

Esta colocação nos remete à questão do respeito à individualidade do outro, ressalta a importância da empatia para uma melhor convivência, numa sociedade marcada pelo egoísmo e intolerância à diversidade. Aqui cabe citar Carl Rogers, psicólogo americano, defensor de uma linha humanista não diretiva na educação. Na sua obra “Tornar-se Pessoa”, Rogers defende um tipo de relação entre professor-aluno em que se privilegia a transparência e autenticidade, a aceitação afetuosa e apreço pelo outro, a sensibilidade para ver o outro e o seu mundo como ele mesmo os vê (empatia). Segundo ele, estas atitudes, no caso do professor em relação ao aluno, promovem a maior integração social entre ambos, auxiliando o aluno a ser mais expressivo, compreensivo e diretivo, mais apto, portanto, para enfrentar os problemas da vida. Seria uma educação centrada no aluno, na sua pessoa, e não na pessoa do educador. (ROGERS, 2001).

O texto do aluno, acima descrito, remete-nos também a uma revalorização

do estilo de vida mais simples, descomplicado, onde há espaço para a observação das coisas corriqueiras, das lições que delas podemos tirar. Aborda a questão da existência de riqueza na simplicidade, da atividade de contemplação como detonadora do gatilho da reflexão, da abertura do pensamento, da indagação, do questionamento, das correlações, analogias, ante-sala da criatividade e do espírito crítico.

A partir deste texto pode-se também refletir sobre a mudança de paradigmas, onde menos pode ser mais. Viver para consumir ou consumir para viver? Qual seria a ordem melhor para cada um? **Pensar ainda é o melhor negócio.** Refletir para não ser consumido. E neste sentido afirma-se que a aprendizagem não se limita às escolas. Podemos aprender com as azaléias, pois a natureza ainda não esgotou sua fonte e nos convida a um doce retorno, para uma breve parada e um suave descanso. Ela nos incita a refletir sobre quem somos, e como podemos viver melhor. Desperta nossa criatividade e nos faz crer que podemos ultrapassar modelos tradicionais de educação e almejar uma renovação das práticas pedagógicas, visando a uma educação voltada para os quatro grandes pilares da educação universal, apontados no relatório da UNESCO de 1996: Aprender a Conhecer, Aprender a Viver Juntos, Aprender a Fazer e Aprender a Ser. (DELORS, 2001).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa mostra que existem alternativas possíveis ao modelo de educação tradicional e que se pode sair de um círculo vicioso para um círculo virtuoso na educação, desde que se esteja disposto a inovar. E inovar aqui significando, desde a proposição de formas diferenciadas de atividades, que podem inclusive ser bastante simples, como o relatado com a experiência das azaléias, até o uso das modernas tecnologias, sempre visando a ultrapassar a reprodução para atingir a construção do conhecimento. Em nada ajuda engrossar o coro dos desgostosos com a educação, lançando toda a culpa nos “alunos desmotivados, despreparados” que não acompanham as aulas. A educação dos nossos sonhos, almejada pelos educadores inovadores, identificada com o paradigma emergente, como foi descrita no artigo, necessita de uma nova postura por parte dos professores e alunos. Mister se faz promover uma autoavaliação de nossas condutas, nossos esforços, se quisermos contribuir para a construção deste novo modelo de educação, tão requerido quanto possível de ser implementado. Sair do comodismo e da tradição, buscar a inovação, o comprometimento dos agentes envolvidos na educação: professores, pais e alunos. Ousar pensar diferente e fazer diferente, para atrair a atenção dos alunos e levá-los a um processo de autoconscientização e autodesenvolvimento.

A pesquisa com as azaléias, relatada neste artigo demonstrou que os alunos estão dispostos a se envolver, quando a proposta é interessante, instigante e desafiadora. A quantidade de temas transversais que surgiram de suas reflexões denota sua capacidade em construir analogias e revela a criatividade inerente ao ser humano, que é muitas vezes mal explorada pelos professores. Das reflexões feitas surgiram temas atuais que podem ser trabalhados por professores de diversas disciplinas, gerando a interdisciplinaridade tão necessária para superar a fragmentação do ensino “colcha de retalhos”, que se vivencia em grande medida. A pesquisa também demonstrou que atividades externas, que levam à experimentação, contribuem para despertar a sensibilidade dos alunos, o senso de observação e interpretação de fenômenos que os cercam. A experiência levou-os a uma atitude de resgate do ser integral, capaz de trabalhar, estudar e ainda contemplar, admirar, viver o lugar, perceber o entorno, as pessoas, o contexto, o mundo em que vivem, ou seja, levou-os a pensar em uma outra forma de viver.

Serviu para a conscientização dos alunos sobre o valor da sensibilidade, tanto para homens quanto para mulheres.

Quanto ao professor/autor, esta pesquisa demonstrou que ousar vale a

pena. É possível desenvolver uma educação democrática, horizontalizada, onde o professor sai de uma postura de controle e assume uma postura de consultor, orientador, deixando para os alunos a função da construção do conhecimento, de forma independente, responsável e criativa. A experiência foi interessante, divertida e rica, tanto para os alunos quanto para o professor. Ratificando os resultados da pesquisa feita com os professores inovadores na USP, esta pesquisa demonstrou que a educação pode ser um processo empolgante e maravilhoso, capaz de resgatar o interesse e a motivação de alunos e professores, favorecendo a melhoria da qualidade de vida dos agentes envolvidos na educação.

REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. As lições dos moluscos. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 29 abr. 2003. Caderno Sinapse, p.25.

ANDRADE, Maria Margarida de. *Introdução à metodologia do trabalho científico*. São Paulo: Atlas, 2001.

ARTONI, Camila. Mentres que Brilham. *Revista Galileu*, ano 13, n. 159, p. 38-47, out. 2004.

BEHRENS, Marilda Aparecida. *O paradigma emergente e a prática pedagógica*. Curitiba: Champagnat, 1999.

CAPRA, Fritjof. *As conexões ocultas*. Ciência para uma Vida Sustentável. São Paulo: Cultrix, 2002.

CURY, Augusto Jorge. *Pais brilhantes, professores fascinantes*. 6. ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

DELORS, Jacques (Coord.). *Educação – um tesouro a descobrir*. Relatório para a Unesco da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. São Paulo: Cortez, 2001.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

GADOTTI, Moacir. *Pensamento pedagógico brasileiro*. São Paulo: Ática, 2001.

_____. *História das idéias pedagógicas*. São Paulo: Ática, 1999.

HANDY, Charles. *Além do capitalismo*. A busca de um propósito e um sentido de vida no mundo moderno. Tradução de James F. Sunderland Cook. São Paulo: Makron Books, 1999.

MARKET, Werner. Trabalho, comunicação e subjetividade em Marx e Habermas. **Contemporaneidade e Educação**: Revista semestral de ciências sociais e Educação. Instituto de Estudos da Cultura e Educação Continuada, Rio de Janeiro, ano 1, n.0, p. 54-62, 1996.

MEDEIROS, João Bosco. *Redação científica*. A prática de fichamentos, resumos e resenhas. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

RICHARDSON, Roberto Jarry et al. *Pesquisa Social*. Métodos e técnicas. São Paulo: Atlas, 1999.

ROGERS, Carl, R. *Tornar-se pessoa*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização*: do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro, São Paulo: Record, 2000.